



A Prática não é do poder próprio

Kogito: Mestre, recentemente, nós estávamos discutindo sobre o Nembutsu.

M.K: Sim! Queria aproveitar e dizer que recitar o Nome do Buda não é uma ação realizada por uma pessoa comum.

Kogito: Então o Nembutsu não é uma ação de pessoas comuns?

M.K: Se assim fosse, a prática estaria misturada com diversas paixões cegas.

Kogito: Ah! Me recordo que as pessoas comuns, como nós, não identificam a causalidade corretamente, por causa da ignorância, da ira e da ganância.

M.K: Ou seja, o nembutsu recitado por uma pessoa comum pode ter sido motivado pelo desejo egocêntrico e estar repleto de falsidade e vaidade.

Kogito: Existe um hino do Mestre Shinran que diz:

“Aqueles que desconhecem até mesmo as palavras “bom” e “mau”
São todos sinceros de coração
Ostento saber o sentido desses termos
Assim se revela minha completa falsidade” (Shozomatsu, 115)

M.K: O erro sempre se agrava quando você se considera certo, firme e benfeitor.

Kogito: Faz sentido.

M.K: Um nembutsu marcado pela falsidade não possui virtudes capazes de romper as paixões maléficas e realizar o Nirvana.

Kogito: O Shin Budismo não é para aqueles que pretendem ser virtuosos.

M.K: O nembutsu é uma prática que revela a nossa realidade em meio à escuridão.

Kogito: A questão é que essa prática não é uma ação realizada por nós.

M.K: Exatamente, Shinran salienta que “esta prática se origina do voto da grande compaixão.”

Kogito: Acho que já vimos essa passagem antes, do Kyogyoshinsho.

M.K: Isso mesmo! Embora o nembutsu saia da nossa boca, ele não vem da nossa mente, mas sim de uma ação pura e sincera, vinda do voto da grande compaixão do Tathagata.

Kogito: O senhor quer dizer que o nembutsu é uma compaixão que nos alcançou em meio à escuridão?

M.K: Shinran expôs que “essa não é uma prática de poder próprio feito por seres comuns ou sábios.”

Kogito: Não é uma prática do poder próprio, nem de seres comuns, nem de sábios.

M.K: Em outras passagens, Shinran explica que “essa não é uma prática por meio da qual as pessoas comuns direcionam os méritos para seus próprios nascimentos.”

Kogito: Concordo, até porque os méritos não pertencem aos seres comuns.

M.K: A partir daí, a nossa visão se inverte. Nós somos aqueles que recebem a transmissão de méritos.

Kogito: Mas, mestre, na frase do Eko, dizemos que desejamos que esses méritos sejam transmitidos igualmente para todos os seres... Quem transmite os méritos não somos nós?

M.K: No caminho budista acontece a inversão da visão. Antes, você estava encurralado no seu Eu, único, imutável e soberano. Essa visão não tem compatibilidade com a realidade. Assim, os sofrimentos surgem.

Kogito: Hmmm! Ao ouvir o dharma, isso se dissipa, embora o Não-Eu continue ser difícil de compreender.

M.K: Consideramos que a inversão da nossa própria visão é causada pela compaixão do Tathagata.

Kogito: Nesse tipo de inversão do olhar, passamos a integrar aqueles que recebem os méritos, mas não àqueles que os transmitem aos outros.

M.K: Ou seja, a recitação do Nome significa que o próprio Tathagata manifestou a si na forma verbal, o Namo Amida Butsu, em meio à escuridão, e assim nos direcionar para o fim do samsara.

Kogito: Namandabu.

M.K: Namandabu.